

**AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DAS REPRESENTAÇÕES DO
IMPÉRIO NOS ROMANCES OITOCENTISTAS BRITÂNICOS**

Ana Carolina Silva¹

Universidade Estadual de Campinas

aninha_carol@hotmail.com

Resumo: A proposta desta apresentação consiste em analisar as representações coloniais nos romances oitocentistas britânicos- **Mansfield Park, Persuasão, Jane Eyre, Grandes esperanças, David Copperfield, A casa soturna** e o **Clube do Suicídio**- e, a partir disso, apontar os elos existentes entre arte, ciência e império e demonstrar como essas referências contribuíram para a construção de um repertório imagético o qual remete aos territórios ultramarinos.

Palavras-chave: História; Literatura Inglesa; Imperialismo

Essa comunicação tem como o objetivo abordar determinadas discussões e interpretações desenvolvidas na primeira parte do terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada **Robert Louis Stevenson e a arte de narrar: sociedade e cultura britânica no final do século XIX**. Construídos por meio da análise de uma breve nota escrita pelo poeta inglês William Blake, os apontamentos iniciais, ali redigidos, visaram simultaneamente preparar o terreno para a apresentação dos principais suportes e aportes teóricos a serem manejados ao longo da argumentação e expor a problemática norteadora da investigação: perscrutar e esmiuçar os profundos vínculos existentes entre arte, ciência e império.

Ao dizer que a arte e a ciência fundamentavam o Império e não o contrário, como supunham os ingleses, Blake não apenas inverteu a usual chave de leitura utilizada para conceber as vinculações entre arte, ciência e império, mas também colocou em xeque a suposta neutralidade conferida à cultura (e a ciência)². Primeiro por salientar a importância

¹ Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP-Processo nº 2015/24780-0).

² Segue o escrito de Blake mencionado acima e utilizado como uma das epígrafes de abertura do meu capítulo “Arte e Ciência e a construção do império”: “The Foundation of Empire is Art and Science. Remove

das produções artísticas e científicas para dar contornos e materialidade às longínquas possessões imperiais e aos seus habitantes. Segundo que, ao colocar arte e ciência lado a lado e como dois dos sustentáculos do Império, o poeta inglês indicou abertamente a existência de pontos de encontros entre os três âmbitos e, desse modo, evidenciou o equívoco de vislumbrar a cultura como uma esfera autônoma, pura e, por isso, livre das amarras, dos vícios e interesses tidos como inerentes à política e a economia. Apesar de sua íntima conexão com os ideais de beleza e harmonia e de sua inclinação ao refinamento (do espírito e) da natureza humana, a cultura, por meio de seus agentes, desempenhou (e até hoje desempenha) um papel essencial na valorização, ou não, das categorias estéticas, estilísticas e nos modos de vida instituídos pelos membros de um corpo social. Portanto, ademais de uma realização individual, sua configuração esboça uma ação e uma feição coletiva, que, de alguma maneira, pode amparar e ratificar disparidades nas relações e hierarquias de poder, pois os elementos dos sistemas culturais moldam e filtram a compreensão humana. E, por fim, resta apontar a constatação de Blake acerca da atração e da posição de destaque ocupada pelo império no imaginário britânico.

Se fizermos um balanço dos escritos publicados do início ao fim do século XIX, quando o império passou a ter uma figuração central, veremos que em boa parte deles, principalmente nos romances, há alusões e cenas transcorridas nos domínios ultramarinos. Torna-se evidente o quão regular e recorrente era a presença do império no pensamento metropolitano. Além do mais, é necessário ter no horizonte os desdobramentos decorrentes desses registros, já que as impressões e as situações relatadas compunham um amplo repertório, o qual muitas das vezes preenchia as lacunas mentais e supria a curiosidade da audiência (europeia), por ora confirmar os boatos e as expectativas correntes relativas ao exotismo e as particularidades dos nativos e das porções anexadas e/ou por ora instaurar novas versões, ao antecipar e fazer visíveis atitudes e práticas articuladas ao processo de expansão. Embora se direcionassem a um público alvo distinto e seus protocolos e compromissos de escrita e leitura seguissem convenções próprias, as obras literárias, os relatos de viagens, artigos jornalísticos e os estudos científicos atuavam como

them or degrade them and the Empire is no more. Empire follows Art and not vice versa as Englishmen suppose.” Essa citação encontra-se traduzida para o português no livro *Cultura e Imperialismo*. A passagem em inglês foi extraída do livro **The Complete Poetry and Prose of William Blake**.

intermediários e erguiam pontes entre as diferentes porções do globo. Nesse sentido, o movimento da narrativa por esses lugares os aproximava e os definia positiva e/ou negativamente. A interligação dos mundos também acontecia e passava pelas páginas impressas.

O que tá posto aqui é a proposta de examinar a noção das terras ultramarinas como um campo de possibilidades narrativas e, paralelamente a isso, a defesa da perspectiva de que nem só o uso do aparato militar, da violência e a implantação da burocracia administrativa sustentaram as políticas de subordinação e a ocupação dos espaços estrangeiros. Houve formas mais sutis, persuasivas e indiretas, as quais também contribuíram para alicerçar e reforçar (simbolicamente) o processo de constituição, consolidação e manutenção do império britânico. Emergentes com o processo de secularização promovido, sobretudo, pelo Iluminismo e em consonância com as transformações decorrentes da Revolução Industrial e dos novos métodos e meios de difusão da informação, as técnicas e as diretrizes da escrita moderna não somente portam em si aspectos da “reorientação individualista e inovadora”, como observou Ian Watt (2007, p.14), mas também serviram como instrumentos para dar visibilidade e fazer cognoscíveis as originalidades das práticas sociais do período contemporâneo. Logo, a prosa moderna foi tanto condicionada quanto uma resposta às próprias mudanças na ordem das estruturas sociais, políticas e econômicas e das bases epistemológicas.

Conforme argumentou Edward Said, em **Cultura e imperialismo**, o caráter enciclopédico do romance e a sua estreita ligação com os princípios e valores das camadas médias urbanas praticamente predispõem o gênero a organizar o universo ficcional segundo as padronizações e os códigos de sociabilidade enunciados pelas instituições burguesas. Não tenho qualquer pretensão de negligenciar ou colocar em segundo plano a liberdade de criação do escritor e os regramentos intrínsecos à literatura referente à montagem e a dramatização das circunstâncias humanas. Longe disso. Apenas procuro sublinhar três pontos. Primeiro, o uso da linguagem referencial atenuou as fronteiras entre fato (história) e ficção. A redefinição dos conceitos de tempo e espaço e a transposição do cotidiano ordinário para o enredo ficcional, a partir de uma abordagem e um tratamento objetivo, abriram caminhos para uma correspondência quase que imediata entre vida e obra. Segundo, a verossimilhança é uma das marcas do romance. A transmissão de uma

visão circunstancial das vivências humanas, alocadas em um tempo cronológico e em espaço(s) específico(s), deriva da concepção de que “as palavras trazem-nos seus objetos em toda a sua particularidade concreta” (WATT, 2007, p. 29) e da premissa de transcrever (e dar a conhecer fiel e genuinamente) a vida dos seres humanos e suas peculiaridades. E finalmente, terceiro, o compartilhamento de procedimentos literários e estratégias descritivas entre literatos, jornalistas, pensadores e cientistas do período, em grande medida, fizeram com que as representações do império difundidas em seus textos reiterassem e referendassem umas as outras. Quando observadas em conjunto, nota-se que a multiplicidade de vozes, suas sobreposições, a frequência e as semelhanças encontradas nessas alusões constituíam partes de um painel imagético (comum a autores e leitores), o qual interligava, repercutia e expandia a si mesmo e, com isso, tornava a presença das áreas coloniais familiares e os agentes sociais identificáveis. Formando, assim, o que Said conceituou como “estrutura de atitudes e referências”.

Mediante a essas considerações introdutórias, não é difícil notar a relevância dos estudos culturais dirigidos à pesquisar os moldes e as abordagens dos discursos narrativos, sobretudo os ficcionais, cujos objetivos são os de compreender as dinâmicas e as transformações referentes aos modos de pensar da sociedade ocidental moderna. Visto que, ademais de um meio de exposição e disseminação de visões de mundo, as narrativas, tanto em sua montagem quanto em sua matéria, não deixam de carregar em si indícios do imaginário cultural e dos embates de forças políticas, sociais e econômicas manifestas na conjuntura e época em que foram elaboradas. Afinal de contas, elas também circunscrevem, reagem e, em parte, resultam dessas disputas.

Antes de iniciar a análise comparada das figurações dos territórios coloniais em **Mansfield Park** (1814) e **Persuasão** (1817), de Jane Austen, **Jane Eyre** (1847), de Charlotte Brontë, **Grandes esperanças** (1843), **David Copperfield** (1850) e **A casa soturna** (1853), de Charles Dickens e **O clube do suicídio** (1882), de Robert Louis Stevenson, cabe dizer que essa interpelação visa balizar as dimensões e monitorar a gradação das alusões feitas às áreas do império e decodificar os sentidos e significados implícitos nelas. Além de situar os recursos descritivos e retóricos de Stevenson entre os seus pares, ou seja, as apropriações e os diálogos do autor escocês com a tradição literária e com os paradigmas modernos. Nos escritos literários desses romancistas, os territórios do

além-mar (e seus moradores) não têm a densidade, a profundidade e a nitidez apresentadas em **O coração das trevas** (1902), de Joseph Conrad, no conto “Os construtores de pontes” (1898), de Rudyard Kipling e nos romances **As minas do rei Salomão** (1885), de H. Rider Haggard, e **Tarzan** (1912), de Edgar Rice Burroughs. Pelo contrário. São menções breves e episódios de preenchimento. Logo, desempenham funções secundárias na história. São precisamente esses concisos “ecos do império”, para me valer da expressão de Tim Youngs, os alvos de minhas interpretações.

De maneira nenhuma estabeleço qualquer compromisso panfletário ou jingoísta aos primeiros romances citados e a célebre obra de Conrad. Até mesmo o conto de Kipling pode e deve ser lido com ressalvas³. Há diferenças notáveis não somente na superfície narrativa e nos propósitos ficcionais firmados nessas obras, mas também na disposição e no manejo dos elementos literários por cada um desses ficcionistas. Não existe nelas a apologia consciente e deliberada, ou seja, uma ode declarada ao “fardo do homem branco” como claramente se percebe nas obras de Haggard e Rice. Certamente essa pronta identificação ideológica os inseriu no radar dos críticos e muito contribuiu para denunciar a ótica preconceituosa, eurocêntrica e excludente de seus relatos. São necessárias outras chaves interpretativas para decodificar e desvelar as ressonâncias das categorias comparativas e padronizações do pensamento binário nos universos literários de Austen, Brontë, Dickens e Stevenson. Para decifrar essa criptografia foi preciso abalar os postulados dos paradigmas modernos- algo feito, sobretudo, pela guinada linguística e pela ascensão dos estudos pós-coloniais- e perscrutar essas obras no âmbito da “mundanidade” (SAID, 2007b, p. 84). O que significa pensar a produção, a circulação e a recepção crítica como práticas humanas atravessadas por múltiplas temporalidades, porquanto o fazer crítico e as leituras também têm suas próprias historicidade.

Essas obras literárias estão longe de se reportarem somente às circunstâncias e as questões domésticas. Elas fazem parte de um contexto muito mais amplo e dinâmico da história humana. Trazem à tona que o império, além de uma temática afim, com variações

³ Há alguns estudos voltados a examinar as ambiguidades e as contradições manifestas nos escritos ficcionais de Kipling, visando assim demonstrar a existência de complexidades em suas obras. Esse é um dos propósitos da coletânea de ensaios **Kipling and beyond: patriotism, globalisation and postcolonialism**, organizada por Caroline Rooney e Kaori Nagai.

de grau e medida, fez parte da formação de todos esses escritores. Mas, mais do que isso, mostram que nenhum deles tendia “a ignorar o vasto alcance ultramarino do poderio britânico” e a não repercutir “uma visão de mundo globalizada” (SAID, 2011, p. 137), e também o quanto “os romances elaboram e mantêm uma realidade que herdam de outros romances, que rearticulam e repovoam segundo a posição, o talento e as predileções de seus autores” (SAID, 2011, p. 134). Sustenta-se assim, mais uma vez, a ideia de uma continuidade, instituída pelo próprio *corpus* literário, sem perder de vista as distintas angulações e os limites do olhar europeu- ou pode-se usar o termo ocidental para ampliar a abrangência.

O ponto de partida de minhas inferências serão os elementos narrativos do romance **Mansfield Park**. Para os leitores versados em Jane Austen não será nada surpreendente iniciar essa análise aludindo a *plantation* de Sir Thomas Bertram na Antígua. A primeira menção à propriedade localizada nas Índias Ocidentais foi feita com o intuito de justificar as preocupações econômicas de Sir Thomas. A redução de gastos com Fanny Price, sua sobrinha e protagonista da história, seria um alívio, pois contrabalançaria o esbanjamento do seu boêmio primogênito e do “recente prejuízo” advindo do latifúndio na região do Mar do Caribe (AUSTEN, 2014, p. 112). A pujança financeira dos Bertram, assim como a sua oscilação, tinha como uma de suas bases o empreendimento colonial.

Diferentemente de Mansfield Park e dos demais locais situados na Inglaterra, pouco se sabe da Antígua. Ao longo do romance, as outras referências ao território ultramarino se prestaram a explicar a ausência de Sir Thomas, que viajou, ao lado do filho Tom, para cuidar pessoalmente de seus negócios e, posteriormente, a caracterizar a jornada de ida e volta (sendo essa última não simultânea) desses dois personagens. A referência às cartas de Sir Thomas mantém a função de Antígua de indicar o paradeiro de Sir Thomas. As alusões a elas são esporádicas e o conteúdo das correspondências não é discutido ou apresentado ao leitor. A única informação compartilhada de uma delas é o anúncio acerca do retorno dele. Sinal de que a situação na propriedade do além-mar havia sido resolvida, algo confirmado mais a frente com o seu regresso. Sem dúvidas, o longo afastamento de Sir Thomas atende outros propósitos narrativos, no entanto, uma vez retomada a prosperidade da produção da propriedade na Antígua, a presença de Sir Thomas não é mais imperativa. Com o reestabelecimento da ordem, o controle (colonial) pode ser feito e observado de

longe. A propriedade colonial não apenas reforça o posto de autoridade de Sir Thomas (e consequentemente dos britânicos), a sua estabilidade e rentabilidade também sumarizam uma das finalidades primordiais de todas as colônias: assegurar lucros a metrópole.

Outro traço das obras de Austen que remete aos territórios estrangeiros são os marinheiros. As contínuas referências à marinha britânica, algo feito em **Mansfield Park**, a partir do irmão de Fanny, William Price, acentuam a soberania dos britânicos nos oceanos. Os quatro cantos da terra, suas águas e seus interiores, estavam abertos para a exploração e livre fluxo da poderosa força naval britânica. A presença dos oficiais da marinha em **Persuasão** é abundante, ao lado do capitão Frederick Wentworth, par romântico da protagonista Anne Elliot, temos o almirante Croft, o capitão James Benwick e o capitão Harville. O choque de valores conflitantes transparece na dinâmica narrativa. Apesar dos comentários desdenhosos e do ar de deboche dos membros da aristocracia representados no romance, a marinha, como bem sublinha a narrativa, para aqueles nascidos desprovidos de heranças e expectativas sociais, era um caminho para buscar uma posição (respeitável) na alta sociedade e até mesmo fazer fortuna. A trajetória do capitão Wentworth sintetiza todos esses êxitos. O estrangeiro é o lugar de batalhas, perigos e, acima de tudo, conquistas. As próprias ações e vivências contribuem para a construção do perfil das personagens. Expõe-se, com clareza, a percepção do indivíduo ser o dono de seu próprio destino e a emergência de novos atores sociais (e políticos).

Uma das pistas da perspectiva integradora e global presente na obra de Austen é a indicação de que as modificações nas estruturas da sociedade britânica, sobretudo no seu centro político, a Inglaterra, resultavam das combinações de circunstâncias contingentes e fatores internos e externos. Em um primeiro plano, é indubitavelmente perceptível o quanto a conjuntura das guerras napoleônicas e seu fim serviram como pano de fundo e permeiam o enredo do escrito ficcional, entretanto há também em **Persuasão** alusões breves e fortuitas às terras ultramarinas. Em uma conversa a respeito do arrendamento de Kellynch Hall- propriedade do baronete Walter Elliot, Anne, ao comentar as credenciais do almirante Croft, informou ao pai, que após a batalha de Trafalgar, os Croft passaram a residir nas Índias Orientais. Desejoso de voltar para o país e região de origem, ele e a esposa buscavam uma casa confortável, como a de Sir Walter, para morar. As outras referências as Índias Orientais e as Índias Ocidentais são feitas em outras duas falas. Em

uma delas, o capitão Wentworth comenta que foi enviado para as Índias Ocidentais e na outra, a irmã dele, a senhora Croft, lista os lugares visitados e não visitados nas vezes em que acompanhou o marido, enquanto ele era um oficial na ativa. Mais uma vez, as menções remetem a deslocamentos e carecem de qualquer detalhe. São figurações meramente genéricas e feitas em momentos pontuais. Ainda assim, mesmo como lugar de residência temporária e posto de destino de oficiais, essas alusões afiançam a reputação e o poderio da marinha britânica.

Embora a proeminência nos romances de Austen seja da ambientação doméstica e os pormenores sejam reservados a vida social inglesa, as colônias, mesmo com seus traços tênues e fugidios, constituem pretextos, o que as tornam parte dos episódios narrativos. Ainda que ocupe as margens, o império quase nunca é esquecido. Guardadas as devidas proporções e distinções, o empreendedorismo e a força naval britânica fazem do mundo uma extensão do domínio do “lar”.

Nas produções literárias de Charlotte Brontë e Charles Dickens, as possessões ultramarinas são nomeadas e ganham contornos um tanto mais definidos do que nas histórias ficcionais de Austen. A presença delas também é afirmada por alguns personagens, que ou são provenientes de lá- caso de Bertha Mason/Rochester- ou foram enviados para cumprir alguma condenação penal ou de exílio- respectivamente os casos de Magwitch e Mr. Micawber. A despeito de essas três personagens serem secundárias nos romances **Jane Eyre**, **Grandes Esperanças** e **David Copperfield** e somente uma delas não morrer ao longo da narrativa, as três tiveram suas trajetórias marcadas por uma vida trágica, sofrida e repleta de infortúnios. Bertha era louca e, até cometer suicídio, passou anos trancafiada em um sótão; Magwitch era um criminoso, que foi deportado para a Austrália, retornou clandestinamente para Londres e morreu doente na prisão; e Micawber, não obstante fosse um bom homem, não conseguiu quitar as suas dívidas e, em decorrência disso, foi preso. A única forma de se ver livre foi aceitar o exílio.

Tanto Magwitch quanto Micawber são cidadãos ingleses, os quais não se encaixam na sociedade em que nasceram. Apresentavam problemas e não correspondem em nada ao modelo de *gentleman* ou de cidadãos responsáveis e retos, cujas atitudes não ameaçassem o bom funcionamento da sociedade britânica. Por mais que suas boas ações buscassem auxiliar os protagonistas (Pip e Trot), essas não estavam desprovidas de máculas, pois

indiretamente remetiam a seus comportamentos como foras da lei e causaram adversidades aos seus protegidos. A viagem forçada de Magwitch e “voluntária” de Micawber para a Austrália mostram qual deveria ser o destino daqueles que não se enquadram na sociedade britânica e apresenta a eles a possibilidade de um recomeço em um lugar, que por justamente não possuir história, ao menos não uma que o insira na cronologia da história universal- de acordo com o pensamento hegeliano, proporciona aos condenados penais e exilados um futuro de remissão. No entanto, para que essa a absolvição se concretize é necessário cortar os laços com o passado e nunca mais regressar ao seu lar local de nascimento: a Grã-Bretanha. A morte de Magwitch foi o desfecho “apropriado” para um fugitivo o qual não aproveitou sua segunda chance e insistirá em retornar para um mundo o qual ele não pertencia e, muito menos, o queria como membro.

O percurso de ambas as personagens, ademais de delinear qual era o destino daqueles que comprometiam o funcionamento da ordem social, ajuda a perceber qual era uma das finalidades do território australiano: absorver os indivíduos indesejados pela metrópole. Fica notória assim, que a relação dos britânicos com suas possessões coloniais variava e não se caracterizava somente pela exploração e obtenção de recursos naturais e ampliação dos mercados consumidores de produtos industrializados. Com isso não estamos querendo dizer que a relação da Grã-Bretanha com a Austrália não fosse tão perversa, mesquinha e exploratória quanto às estabelecidas com as outras colônias.

Constata-se assim, que Dickens não precisou descrever as paisagens australianas e seus habitantes nativos para dar materialidade e criar uma imagem mental do território australiano; sendo que esta, em linhas gerais, não destoava das impressões e noções correntes; e desse modo, reforçava (não de maneira direta, mas simbólica) as ações e os empreendimentos de conquista e subordinação perpetrados nas regiões coloniais.

Quando comparada com a leitura das outras personagens, a exegese de Bertha Mason mostra-se um tanto quanto mais complexa e isso não decorre por ela ter uma caracterização profunda. A representação de Bertha é simplória; a dificuldade reside em assinalar apropriadamente a somatória de estereótipos nela condensados e as temáticas as quais ela direciona. A caracterização de Bertha na maioria das vezes foi feita por seu marido Edward Rochester e as cenas mais proeminentes desta personagem residem em incidentes. O primeiro deles quando ela invadiu o quarto de Jane e rasgou o véu o qual ela

usaria na cerimônia de seu casamento; e o outro, a ocasião em que ela ateou fogo em Thornefield Hall. Desse modo, fica claro a pouca participação de Bertha durante a história e o quase nenhum contato dela com a protagonista, Jane.

Após a interrupção da celebração de seu casamento com Jane, Rochester conta a ela a provável origem da loucura de sua primeira esposa. Não informado pelo pai e nem pelo irmão, Rowland, Edward relata que casou sem saber a fundo o histórico familiar de Bertha. Segundo ele, a família de Bertha era rica e possuía boas linhagens e relações em *Spanish Town*. Conforme avança em sua história, fornece uma breve descrição da maioria de seus membros e dá a entender que a natureza deles era instável, atormentada e estava longe de ser civilizada, a única exceção era talvez o cunhado mais velho. Julgou-se que a insanidade era proveniente dos laços sanguíneos. É pertinente observar que é possível traçar conexões com as explicações fornecidas pelo determinismo geográfico e pelas teorias raciais a respeito da instabilidade e das mudanças de humores de pessoas nascidas nos trópicos e de seus comportamentos indolentes e reações emotivas e destemperadas. Vale lembrar que Bertha foi descrita como uma crioula. Outra inferência significativa diz respeito a sua beleza exótica; característica que não só a diferenciava do marido (e dos demais personagens britânicos do livro), como também a associava a exuberância, a rebeldia e selvageria dos povos não europeus. A retórica do “nós” e “eles” se faz mais do que evidente.

O isolamento de Bertha era físico e social, porquanto tanto a sua insanidade quanto a sua origem a impediam de conviver (ser inserida e aceita) socialmente. Além do que, ela não era somente um empecilho para a concretização da felicidade de Rochester (que almejava casar com Jane), Bertha era a personificação das desgraças, angústias e melancolia vivenciadas por ele. Ao se deixar levar pelo sentimento e um encantamento momentâneo, Rochester comprometeu o seu futuro e sofreu consequências drásticas, viveu anos escondendo um segredo e no final ainda ficou cego e mutilado, ao tentar salvar os demais moradores de Thonerfield do incêndio provocado por Bertha. O abandono da razão havia lhe custado caro.

O insucesso do casamento de Rochester e Bertha corresponde à legitimação da noção de que a união entre pessoas de diferentes etnias estava fadada ao fracasso, em virtude da incompatibilidade e inferioridade de um dos membros. O que sinaliza a

delimitação das posições a serem ocupadas pelos integrantes das diferentes partes do Império. A abertura do pacto social tinha suas restrições. Logo, o contato e a integração não deveria supor o ingresso de nativos das possessões coloniais no âmbito da sociedade britânica (não ao ponto de estes irem residir na metrópole e ocuparem um lugar de prestígio). Resumindo, era a ratificação da divisão do mundo em setores, cujo critério de separação e hierarquia consistiria no duplo: conquistador (superior) e subordinado (inferior).

Há em **Jane Eyre** e em **Grandes Esperanças** uma outra representação e uso dado as terras coloniais, que os aproximam de Austen. Continuamos no âmbito da circulação, os homens de negócios voltam à cena, assim como a ideia das colônias como o lugar onde se podia realizar rentáveis transações financeiras. Seus representantes nesses romances são respectivamente: o pai e o irmão de Edward Rochester e Herbert Pocket. Os dois primeiros foram a para a Jamaica, com o intuito de assegurar um matrimônio vantajoso ao jovem Edward, para que assim, ele, o segundo filho, futuramente não ficasse desprovido de riqueza e bens materiais. O casamento com Bertha Mason, de acordo com Edward Rochester, não passava de um acerto e uma compensação financeira.

O caso de Herber tem um desfecho e contornos mais felizes, ainda que sustente e difunda a desigualdade de poder e mantenha o *status quo* e a subordinação dos colonizados. O investimento anônimo de seu amigo Pip propicia a ele a oportunidade de se tornar sócio de uma pequena casa de negócios. A ajuda de Pip contribuiu para que Herbert concretizasse o sonho de se tornar um capitalista. Em um primeiro momento, Herbert viaja ao exterior, inclusive ao Cairo, para firmar acordos mercantis. Em um segundo, direcionado a expandir e solidificar os negócios, Herbert muda-se e passa a atuar como gerente da sucursal no Egito. O sucesso do empreendimento lhe garante os recursos materiais para que ele se case e tenha um lar com Clara Barley. No fim das contas, o investimento de Pip também lhe ofereceu retornos, já que mais adiante ele vai ao encontro de Herbert no Egito, assume primeiramente a função de caixeiro da Clarriker & Cia e, posteriormente, a de gerente e com isso consegue dinheiro para saldar todas as suas dívidas. Se já não era mais possível levar uma boa vida na Inglaterra, se as oportunidades andavam escassas e difíceis de ser encontradas, as colônias apareciam no horizonte como o lugar em que essa possibilidade se apresentava de maneira mais concreta.

Em **A casa soturna**, depara-se com uma outra faceta e empreitada da colonização, a missão civilizatória. Não obstante a representação do projeto filantrópico de Mrs Jellyby, destinado ao assentamento de famílias britânicas para o cultivo de café e responsabilizadas pela educação dos africanos das margens esquerdas do rio Níger, seja em feita em um tom satírico e com o intento de ridicularizar a hipocrisia da caridade britânica, é possível reparar aqui a manifestação de uma visão simplória e paternalista a respeito dos africanos. O intento aqui não é deslocar para segundo plano a reprimenda presente no romance, mas sinalizá-la e colocá-la lado a lado com a imagem estável e naturalizada do espaço colonial. A ácida e controversa crítica à seletividade imputada a uma parcela da sociedade vitoriana contrasta com a lacônica alusão dos ingleses forçarem os nativos a adotarem a religião e os costumes e modos de vida dos europeus, e passarem a ocupar e a usar a terra na região do Níger, como se ali nada houvesse e os africanos necessitassem de tutela. Aliás, é exatamente na generalização que reside o trunfo das descrições superficiais, pois permite que elas se encaixem em qualquer lugar (diante uma dada conjuntura), corriqueiramente escapem das demarcações temporais e, sobretudo, acalentem certezas – devido à sua propensão em suprimir as nuances e as indeterminações e, nesse sentido, funcionarem como uma espécie de arrimo, principalmente nos momentos de instabilidade.

Com **O clube do suicídio** retornamos aos personagens militares e as batalhas travadas em terras longínquas e subordinadas à Coroa britânica. Começo a análise da obra de Stevenson com o seguinte excerto:

O tenente Brackenbury Rich obteve considerável destaque numa das guerras menores travadas nas montanhas das Índias. Foi ele que, com suas próprias mãos, fez prisioneiro o líder inimigo. Sua bravura foi aclamada em toda parte, e quando voltou para casa, debilitado por um grave golpe de sabre e combalido por um longo período de malária, a sociedade estava pronta para recebê-lo como uma celebridade de certa importância. Seu caráter, no entanto, distinguia-se por uma modéstia sincera; apreciava uma aventura, mas dava pouca importância a adulações; e, assim, preferiu aguardar em balneários estrangeiros e em Argel até que a fama de suas proezas esgotasse os seus nove dias de vitalidade e começasse a ser esquecida.” (STEVENSON, 2011, p. 123)

Esse trecho refere-se à abertura da história final e do último capítulo da narrativa “A aventura das carruagens de aluguel”. Tem-se aí uma breve apresentação do Tenente Brackenbury Rich. Seus grandes feitos nas batalhas em nome de seu país, apesar de terem ocorrido em uma campanha menor, foram suficientes para fazer com que sua reputação na

Inglaterra o precedesse e lhe garantisse prestígio entre os seus compatriotas, tanto aqueles circunscritos no âmbito civil quanto das organizações militares. Isso o levava a preferir a permanência em territórios estrangeiros enquanto se recuperava do ferimento e da malária, já que contava com que a euforia vinculada à sua fama se amainasse com o passar dos dias – o que se mostrou verdadeiro, pois, quando colocou seus pés em Londres, as congratulações vieram somente por parte de conhecidos e daqueles com os quais em algum momento o Tenente se encontrou e entabulou conversações.

Como se pode verificar pela leitura dessa narrativa, a Índia e seus habitantes, ao contrário do que ocorre com Rich, são apenas citados e carecem de detalhes e de uma figuração mais encorpada. Grosso modo, nota-se que serviram para justificar as viagens e as razões do retorno do Tenente a Inglaterra e, simultaneamente, ajudaram na caracterização do próprio personagem, uma vez que respaldaram e forneceram sentido às suas atitudes e trajetória. Ademais de comporem o quadro de referência para as suas tomadas de posicionamento e decisões, a personagem, em grande medida, sumariza o *ethos* militar. Diante disso, asseveramos que essas invocações operam como elementos destinados a dar plausibilidade e consistência à história central e à figura e personalidade de Rich.

Em uma de suas perambulações por Londres, o Tenente, por acaso, é aceito como convidado de uma festa e lá conhece o Major O'Rooke. Após as devidas apresentações, ambos passam a conversar sobre os feitos de suas ações como oficiais do exército. Sangrar pelo país de origem, como fez o Tenente Rich, correspondia a assumir os desígnios e as prerrogativas patrióticas. O orgulho assinala o sentimento de pertença e exprime a tácita aceitação dos componentes sociais acerca dos elos “tradicionais” que os unem e os identificam perante o outro. Nesse sentido, se ampliarmos o quadro no qual se inserem o Tenente Rich e o Major O'Rooke, veremos que se trata de dois soldados patenteados, cujas façanhas reputam tanto suas individualidades quanto a instituição às quais eles pertencem, e que esta, se tomada em sua abrangência, simboliza e pode ser vista como um dos pilares de sustentação da conquista e efetivação da dominação perpetrada em prol do país que eles representavam. Assim, a autoridade da Coroa britânica se impunha diante dos demais países e se confirmava por meio da ação de seu exército; para sermos mais exatos, pelas suas vitórias e pelo levantamento de dados e informações feito pelos membros dos

diferentes grupos sociais que se dirigiam para os quatro cantos do planeta impulsionados por uma conciliação de intentos privados e coletivos. Chega a ser desnecessário apontar que a burocracia e o poderio militar foram instrumentos importantes para a sustentação da hegemonia política e econômica da Grã-Bretanha.

As menções à Índia e às batalhas transcorridas em suas circunscrições geográficas são feitas em mais dois diálogos da narrativa de Stevenson. O primeiro consiste na apresentação de Rich e Geraldine e o segundo realiza-se posteriormente, em uma mansão abandonada nas imediações do canal, e conta com a participação de uma terceira figura, o Príncipe Florizel, além do par de oficiais. Na primeira ocasião, Geraldine, cumprindo o seu papel de anfitrião do evento, ao se apresentar ao Tenente Rich, mostra-se informado a respeito das performances do exímio militar nos embates contra “os cavaleiros bárbaros” (STEVENSON, 2011, p. 129). A colocação do Coronel é simples e direta ao situar os duelos no genérico, permutável e corrente binarismo civilização e barbárie.

Essa oposição não só se revestia das cargas e roupagens dos tempos passados, mas também assumia as conotações vinculadas àquele momento histórico, sendo que as sínteses dessa junção conformavam, na maioria das vezes, imagens programáticas, portadoras de reduções consideráveis para dar conta de uma totalidade percebida como estagnada, o que a tornava facilmente identificável tendo em mente as convenções propaladas. A mera referência a um oponente, sem qualquer nível de “densidade existencial”, para usarmos os termos de Said (2007a, kindle posição 5029 de 8517), o enquadra em uma categoria que por si só o transforma em um alvo e sanciona o uso da violência contra ele. Em linhas gerais, a designação coletiva, ancorada no modelo dicotômico, atravanca qualquer possibilidade de afinidade, pois a padronização dos indivíduos realçava as distâncias entre os conglomerados.

Sucintamente, ao abordar a experiência da guerra e logo em seguida solicitar a flexibilidade de Rich com a quebra de algumas regras da etiqueta social, a fala de Geraldine, ademais de salientar a excepcionalidade da ocasião, reitera a rigidez (moral) do código militar e a integridade do oficial advinda da destreza em fazer o que foi possível em uma situação extrema para garantir sua sobrevivência e defender uma causa reputada como correta. A honra, a firmeza, o bom desempenho e juízo e, acima de tudo, a valentia de Rich como combatente diante do perigo, o fizeram, ao lado do Major, elegível para o posto de

testemunha e árbitro do duelo que decretaria o fim do clube do suicídio. Transparece aqui um princípio elementar das narrativas de Stevenson: segundo a sua concepção literária, é durante a adversidade que os valores éticos revelam a interioridade e a inclinação humana, assim como é por meio do desconforto que se percebe a instabilidade da identidade – percepção que não se estendeu aos colonizados.

Os confrontos nas colinas funcionaram como um recurso ficcional para atestar a intrepidez do Tenente e o seu apreço pela aventura. Mas também para subscrever o seu reverso, a inclemência de Rich com os adversários, ao fazê-los em “pedacinhos” e o seu dever e a sua fidelidade à corporação nacional (STEVENSON, 2011, p. 129). Ao se fechar o círculo, de forma alguma há subversão, seja em primeiro ou segundo plano, da disposição binária apresentada pela configuração discursiva no que diz respeito à representação da área colonial, ao contrário do que acontece na figuração da metrópole. O campo semântico, mesmo com a aproximação mental das possessões ultramarinas, mantém os pesos, as medidas e as escalas das relações imperiais e do olhar eurocêntrico.

Tanto é que a conversa de Florizel com os dois militares acerca do “exército indiano e das tropas nativas” foi mais uma oportunidade para o Príncipe encantar seus juízes com as suas habilidades diplomáticas. Em suma, trata-se de um episódio de preenchimento para tornar as personagens familiarizadas, encaminhar a história para o seu desfecho e no qual os conflitos nas áreas coloniais foram tomados como algo dado, um mero pretexto para auxiliar na construção da personalidade magnânima e cativante do Príncipe. Não existe qualquer rastreamento das tensões e a abrangência da abordagem joga luzes somente em uma das partes envolvidas. Os europeus determinavam a si mesmos ao falar genericamente sobre os outros.

Minhas considerações finais serão sumárias e sucintas e isso muito em virtude de boa parte do que irei sinalizar aqui, de alguma forma, já se encontra exposto ao longo da argumentação do texto. Em linhas gerais, os comentários a seguir visam apenas destacar e amarrar alguns pontos. Gostaria de apontar novamente que as representações analisadas acima endossam a perspectiva das colônias como o lugar de possibilidades e de que os britânicos acreditavam gozar da prerrogativa de que eram livres para circular e empreender pelo mundo. Considero oportuno dizer que o contraste entre os personagens e episódios narrativos abriram vias para identificar os mecanismos e os aportes mobilizados para

construir os perfis identitários dos britânicos e dos não europeus. É notável o quanto essas representações organizam e dispõem as relações e as hierarquias sociais como estas estavam postas no mundo externo as narrativas. Portanto, se reportar as colônias significava se inserir em um campo de disputas e de representações saturadas ideologicamente, cujos legados e tensões ressoavam as polarizações e a setorização do mundo e praticamente não rompiam com os pressupostos que sustentavam a centralidade, o poderio e a supremacia dos europeus. Sendo assim os episódios e as alusões abertas falam mais dos próprios britânicos do que das regiões mencionadas, uma vez que remetem aos seus próprios triunfos e realizações. E pra finalizar, ao não se reportarem apenas as questões domésticas, as ficções britânicas indicam como e quanto o contato e as trocas entre metrópole e colônias acabavam por interferir, com diferentes gradações, na dinâmica e no funcionamento social de ambas as partes.

Referências Bibliográficas

- AUSTEN, Jane. **Persuasão.** , Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. **Mansfield Park.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BURROUGHS, Edgar Rice. **Tarzan: o filho das selvas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DICKENS, Charles. **A casa soturna.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.
- _____. **Grandes esperanças.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **David Copperfield.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- HAGGARD, Rider. **As minas do Rei Salomão.** São Paulo: Clube do Livro, 1971.
- KIPLING, Rudyard. Os construtores de pontes. In: CALVINO, Italo (Org.). **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 405-492.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007(a). (kindle)
- _____. **Humanismo e crítica democrática.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007(b).
- _____. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

STEVENSON, Robert Louis. **O clube do suicídio e outras histórias**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

YOUNGS, Tim. Echos of Empire. **British Library**, 14 de maio de 2014. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/echoes-of-empire>>. Acesso em: 9 jul. 2019.